

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HORTENCYA DINIZ FREITAS FELICIO

**MULHERES E TRABALHO REPRODUTIVO NA PANDEMIA: A volta do recomeço
ou o recomeço da volta?**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

HORTENCYA DINIZ FREITAS FELICIO

**MULHERES E TRABALHO REPRODUTIVO NA PANDEMIA: A volta do recomeço
ou o recomeço da volta?**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

HORTENCYA DINIZ FREITAS FELICIO

**MULHERES E TRABALHO REPRODUTIVO NA PANDEMIA: A volta do recomeço
ou o recomeço da volta?**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 29/06/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima

Membro: Prof. Esp. Larissa Vasconcelos Rodrigues/UNILEÃO

Membro: Prof. Me. Marcos Teles do Nascimento/UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

MULHERES E TRABALHO REPRODUTIVO NA PANDEMIA: A volta do recomeço ou o recomeço da volta?

Hortêncy Diniz Freitas Felício¹

Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima²

RESUMO

O objetivo desta revisão de narrativa é discutir os impactos que a pandemia provocou no trabalho produtivo das mulheres e se suas rotinas foram impactadas. Identificar como as revistas em Psicologia Organizacional e do Trabalho e artigos com temas e de áreas afins, nos anos de maior incidência dos casos de COVID-19, trataram o trabalho feminino durante a pandemia; verificar se de fato a pandemia potencializou essa temática; Apresentar se o trabalho produtivo foi afetado através desse novo modelo. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica narrativa, a partir de estudos realizados entre 2020 e 2021, a respeito da modalidade home office no trabalho reprodutivo das mulheres. Sobre os resultados, este estudo levanta discussões sobre a temática e as formas de intensificação da precarização do trabalho feminino. Dessa forma, foi possível observar como a precarização do trabalho feminino foi intensificada nesse período e como as discussões já existentes não evidenciam de forma mais incisiva esse fator. Sendo também, possível observar que alguns fatores prejudiciais ocasionados por essa forma de trabalho podem ser reduzidos por ações realizadas pelas próprias empresas, como o suporte psicológico às mulheres trabalhadoras e uma maior atenção sobre esse modelo de trabalho proporcionado a fim de mitigar efeitos negativos decorrentes dessa modalidade de trabalho.

Palavras-chave: Mulheres. Trabalho. Gênero. Home Office. Pandemia de Covid-19.

ABSTRACT

The objective of this narrative review is to discuss the impacts that the pandemic caused on women's productive work and whether their routines were impacted. To identify how journals in Organizational and Work Psychology and articles with related themes and areas, in the years of the highest incidence of cases of COVID-19, dealt with women's work during the pandemic; to verify if in fact the pandemic potentiated this theme in some aspect; to analyze if productive work was affected through this new model. The methodology used was a narrative bibliographic review, based on studies carried out between 2020 and 2021, concerning the home office modality in women's reproductive work. As for the results, this study raises discussions about the theme and the ways of intensifying the precarization of women's work. In this way, it was possible to observe how the precarization of women's work was intensified in this period and how the existing discussions do not highlight this factor in a more incisive way. It was also possible to observe that some harmful factors caused by this form of work can be reduced by actions taken by the companies themselves, such as psychological support for female workers and more attention to this model of work in order to mitigate the negative effects of this type of work.

Keywords: Women. Work. Gender. Home Office. Covid-19 pandemic.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: hortencyadinizf@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: italo@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2020), declarou a chegada da doença Covid-19, causada por um vírus chamado coronavírus, como uma pandemia. A chegada dessa pandemia causou metamorfoses significativas na forma como concebemos e operacionalizamos o trabalho, bem como outras dimensões da vida.

Nesse universo de mudanças e transformações, aponta-se como alternativa para manutenção da produtividade e da economia, algo necessário para o trabalho mediado por tecnologias da comunicação e da informação realizadas de forma remota e no ambiente doméstico.

A rapidez com que se tentavam alternativas de refreamento de ondas de contaminação ocorreram as orientações para o afastamento físico e consequente confinamento doméstico de grande parte dos trabalhadores. Levou menor tempo de adaptação, a rotina de atividades que eram executadas no contexto das empresas foram levadas a um novo espaço, e tiveram que começar a serem realizadas de forma remota, nos nossos lares, cercada por uma enxurrada de mudanças para a prevenção e combate ao novo coronavírus. Sendo assim, a maioria dos lares foram adaptados para essa nova modalidade de trabalho, sendo necessária a utilização do modelo home office.

Conforme afirmam Brik e Brik (2013), o home office é uma expressão usada para designar o trabalho quando feito de casa de forma remota, mediado diretamente por tecnologias da informação e da comunicação. O home office evidencia vantagens e desvantagens para a empresa e também para a trabalhadora, o que é importante analisar como se dá essa modalidade em relação à mulher, e se existem questões próprias e singulares a serem observadas.

Como se sabe, desde a infância, homens e mulheres recebem a criação orientada a ocupar papéis na sociedade, como o trabalho doméstico, por exemplo, que, historicamente, tornou-se uma obrigação das mulheres.

Em sociedades que se primam pelo patriarcado isso se manifesta diante das atividades produtivas e também de forte valor social agregado. Divisões que estabelecem enorme hierarquia, que mesmo não sendo imutável, é um dado sólido (KERGOAT, 2001)

Portanto, com a chegada do desenvolvimento no século XIX e a elevação do capitalismo, as mulheres, que anteriormente abrangiam apenas atividades vinculadas ao

universo doméstico e a agricultura, passaram a ocupar também espaços na indústria que, até aquele presente momento contava apenas com o trabalho masculino. Com isso, há uma alteração na dinâmica da vida da mulher, que começa a exercer também o trabalho produtivo.

O fato que impulsionou o movimento ou a necessidade do Home Office ser uma opção possível para as organizações seguirem com suas tarefas pode ter alterado o relacionamento entre trabalho produtivo (com valor econômico agregado) e o reprodutivo (doméstico e de cuidado), emergindo debates a respeito do gênero e da divisão sexual do trabalho.

É importante frisar sobre o trabalho reprodutivo feminino, uma vez que, para as mulheres, a experiência do trabalho provoca na maioria das vezes a combinação dessas duas categorias. O trabalho reprodutivo é uma forma de reprodução grotesca do universo produtivo. Os afazeres domésticos (arrumar a casa, lavar a louça, cozinhar, dentre outros) representam uma grande parte da produção socialmente necessária, porém sem caráter mercantil o que o torna desvalorizado economicamente, até mesmo quando exercidos.

Portanto, o objetivo desta revisão de narrativa é discutir os impactos que a pandemia provocou no trabalho produtivo das mulheres e se suas rotinas foram impactadas. e como objetivos específicos: Identificar como as revistas em Psicologia Organizacional e do Trabalho e artigos com temas e de áreas afins, nos anos de maior incidência dos casos de COVID-19, trataram o trabalho feminino durante a pandemia; verificar se de fato a pandemia potencializou essa temática em algum aspecto; analisar se o trabalho produtivo foi afetado através desse novo modelo.

Como justificativa para essa pesquisa, vem os aspectos pessoais, sociais e acadêmicos. Pessoais, pelo fato de que a autora estava inserida nesse contexto e se sentiu instigada a entender mais sobre a temática, para compreender se esses impactos havia afetado as outras mulheres. Essa pesquisa pode contribuir para o enriquecimento dessa temática, visto que, é um fenômeno recente que precisa de mais estudos e discussões.

Sabendo disso, o tema é relevante, pois entendemos os desafios produzidos a partir da modalidade de trabalho home office, como o trabalho produtivo e reprodutivo se misturam nesse período e quais os impactos disso. É possível observar as questões de gênero envolvidas na temática citada acima, como também, as pautas que surgiram através dessas mudanças.

2 METODOLOGIA

De acordo com Rother (2007, p. 397), “os artigos de revisão narrativa são publicações amplas apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o ‘estado da arte’ de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou conceitual”.

O texto pode contribuir para o debate da temática já apresentada, visto que, pode-se através deste levantar-se outras questões. A coleta do material foi realizada de forma não sistemática no período entre 2020 e 2021. Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa descritiva, executada por meio da biblioteca virtual Scientific Electronic Library Online (SciELO), do buscador acadêmico Google Acadêmico, utilizando as palavras chaves: trabalho, mulheres e pandemia. Foram sendo excluídos artigos duplicados, indisponíveis e incompletos ou que fugissem da temática. Foram encontrados 18 artigos, dos quais 14 foram excluídos, pois os mesmos não abordavam a temática de forma clara, 4 foram incluídos e organizados, sendo estes, lidos na íntegra, categorizados e analisados.

3 MULHERES E TRABALHO: Uma relação nada sutil.

O trabalho sempre esteve presente na vida das mulheres, em todas as épocas e lugares – embora nem sempre elas exercessem “profissões” ou atuassem no mercado de trabalho tradicional (PERROT, 2005).

O trabalho feminino desde muito tempo foi delimitado pela sociedade, com atividades do lar, onde se deveria manter o mesmo em ordem e cuidar do todo que o envolvia. Partindo da concepção de que esse estado de desigualdade é estruturado historicamente e socialmente, Hirata e Kergoat (2007), indicam que uma das divisões do trabalho é uma organização do trabalho decorrente dos relacionamentos sociais por meio do gênero, existindo como um agente primaz para a manutenção desse tipo de relações que possui uma configuração de denominar o âmbito produtivo (econômico) aos homens e o âmbito reprodutivo (não econômico) às mulheres.

No que diz respeito ao lugar reprodutivo (doméstico e de cuidado), as mulheres são adicionadas no meio social em posto de inferioridade, considerando que as funções que são conferidas à sua posição do ser feminino não constituem qualquer consequência produtiva, da perspectiva econômica. De acordo com Brioli (2016), esse tipo de diferenciação a meio de trabalho não remunerado e trabalho remunerado é o sentido que comanda os modelos de aproveitamento da organização histórica patriarcal. Para que assim ocorra uma modificação relacionada aos contrastes de gênero, é preciso que aconteça uma ramificação entre trabalho produtivo e reprodutivo (ENGEL, 2020).

Nesse contexto, para Cattaneo e Hirata (2009), o sentido da flexibilização dos empregos no atual modelo produtivo que colabora para a expansão de oportunidades de trabalho para as mulheres, principalmente, com empregos terceirizados e de meio-período. Segundo as autoras, essa modalidade de trabalho colabora com a reafirmação da divisão sexual existente no mercado de trabalho, uma vez que a modalidade home office tem como foco a mulher que, culturalmente, após a inserção no mercado de trabalho, necessita conciliar a vida familiar e a profissional.

Nesse contexto, Beck (2010) evidencia a ideia de que trabalho precário e trabalho feminino independente do espaço e contexto tem a mesma característica. Nessa perspectiva, o universo do trabalho deixa nítido e de forma intensa a divisão sexual do trabalho, destinando para as mulheres lugares particulares que, em sua maioria, representavam-se pela desvantagem hierárquica, por salários inferiores e por funções adaptadas a suas capacidades inatas.

Com isso, as orientações que tentam resolver o problema da ausência de empregos recaem principalmente sobre as mulheres que não têm escolha voluntária, mas que são forçadas a consentir sobre as circunstâncias que são impostas, como por exemplo a diminuição da carga de trabalho, justamente por seu lugar na divisão de gênero do trabalho, tanto no âmbito doméstico quanto no profissional, uma vez que as formas de “divisão do trabalho” omitem a dimensão de gênero (DE PAULA LEITE, 2017).

Conforme Nogueira (2004), se por alguma perspectiva a inserção das mulheres no mercado de trabalho foi uma vitória, por outra ótica consentiu que o capitalismo pudesse engrandecer a exploração dessa força de trabalho, aprofundando-se no meio feminino. A esfera da cultura de uma falta de capacidade feminina impossibilita o sucesso absoluto da mulher no trabalho, dificultando a mesma de ultrapassar o âmbito privado e conseguir ter acesso aos âmbitos da vida social.

Nesse sentido, o trabalho que não há remuneração, ou seja, onde há a ausência da produção de um valor econômico, é delegado às mulheres. Sobre esse tipo de trabalho, se entende como trabalho do lar, os afazeres domésticos e também o cuidar, que abrange grande parte do tempo e rotina das pessoas que precisam desempenhá-los, em sua maior quantidade, mulheres (BRUSCHINI, 2006). Nessa perspectiva, é possível observar que a dimensão de sobretrabalho que se evidencia, ao mesmo tempo é invisível socialmente.

Compreende-se que um período significativo que as mulheres reservam ao trabalho reprodutivo ocorre pela segmentação desproporcional dos serviços domésticos. Essa diferença na partilha dos afazeres domésticos na rotina das famílias continua sendo um objeto de debate

com pouco desenvolvimento na realidade, visto que, embora tenha ocorrido uma ampliação na atuação de homens casados nas tarefas do lar em um período anterior ao início da pandemia (PNAD CONTÍNUA, 2018), o volume continua sendo superior para mulheres. Ocorrendo isso por motivo de, as atividades domésticas desempenhadas pelos mesmos se resumem em pontuais tarefas, sobretudo, referentes à execução de consertos domésticos pontuais, possuindo uma mínima contribuição em afazeres voltados à questões de alimentação, higiene do lar, limpeza da casa, e organização da casa (PNAD CONTÍNUA, 2019).

Esse cenário é criticado por Hirata e Kergoat (2007), quando afirmam que, ainda que exista uma consciência da arbitrariedade e do contraste na distribuição das tarefas do lar, as mulheres seguem tomando para si essas tarefas e/ou atribuindo para outras pessoas por assim ser mais fácil; quando encarregam, mesmo assim, continuam ofertando uma maior quantidade de tempo dedicados a esses afazeres em relação aos homens, visto que as mesmas são as incumbidas por gerenciar esses afazeres. (DORNA, 2021).

Sousa (2018), afirma que, ao contratar uma empregada doméstica, não existe negociação direta com o homem, pois a obrigação pela logística de todos os afazeres do lar é predominantemente feminina, quer dizer, a dona da casa atribui afazeres à uma outra mulher. Por esse olhar, o que acontece é uma transferência vagarosa dos modelos clássicos de controle para a determinação de uma atual configuração, que se remodela e não atua mais somente entre masculino e feminino.

Com os novos acontecimentos, e a ocorrência de toda a população ter que aprender a conviver com a chegada dessa crise mundial, o cotidiano das pessoas foi modificado brutalmente e, dessa forma, problemas que já existiam foram fortalecidos. A ampliação das tarefas domésticas é um efeito dessas transformações, uma função que abrange muito mais adiante o dever de somente manter a casa em ordem (FEDERICI, 2019).

Conforme Bruschini (2006), em muitos cenários, as mulheres que já são mães podem ser avaliadas, em número avantajado, as que investem mais tempo nas tarefas do lar. Se tiverem filhos pequenos, o período voltado a essas tarefas de casas é ainda mais superior. No cenário da pandemia, a mulher encontra muito mais sofrimento quando se depara com as transformações provocadas pelo cenário pandêmico, essencialmente, pela grande quantidade de papéis, que já é algo que ocorre pela omissão de muitos homens dentro do ambiente doméstico, e também pela relação cultural da imposição de que é necessário que a mulher precisa “dar conta” de tudo. E dentro desse contexto, a situação para algumas mulheres fica ainda mais difícil, se as mesmas tiverem filhos e/ou se ainda realizam algum tipo de trabalho

remunerado.

Olinto (2012) argumenta que essas coerções domésticas visam manter as mulheres sempre em locais mais subalternos, dificultando o progresso em suas escolhas de carreira. Os autores mostram que essas barreiras ao desenvolvimento da carreira das mulheres não são percebidas pelas próprias mulheres. São comportamentos profundamente enraizados cultural e internamente que podem ter contribuído para a imortalidade.

Para Souza-Lobo (1981), as meninas eram definidas por sua função reprodutiva natural. Expandir e identificar-se com as funções sociais reprodutivas que exercem por meio do trabalho doméstico, que estão inseparavelmente ligados.

4 EFEITOS DE UM DEVANEIO NADA TOLO NO TRABALHO DAS MULHERES.

A pandemia chocou todo o mundo, afetando diversas esferas da vida cotidiana, como trabalho, família, lazer, além do psiquismo. As organizações, a título de exemplo, tiveram que se adaptar de várias formas para continuar no mercado. O meio trabalhista no Brasil foi bastante impactado, sendo preciso elaborar, até mesmo, medidas e normas transitórias para servir ao novo modelo de trabalho que foi se estabelecendo.

Com a entrada de trabalhadores no modelo remoto como providência para conter os impactos provocados pela pandemia e sustentar a manutenção dos seus empregos, as mulheres apresentaram uma tendência maior a serem mais afetadas, pelo distanciamento do cotidiano escolar presencial e o crescimento das atividades domésticas (BARBOSA; COSTA; HECKSHER, 2020).

Precisando então, focar em um tempo ainda maior e também um maior empenho para administrar família e trabalho. Essa administração, geralmente, compete exclusivamente à mulher realizar (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Dessa forma, os impactos ocasionados pelas transformações resultantes do período pandêmico impactaram também o desempenho feminino na rotina de trabalho, considerando a sobrecarga de atividades e também a mental e a física acarretadas pela modificação da configuração de uma rotina já existente, no modo como eram organizadas as tarefas domésticas e todas as questões que ficavam sob a responsabilidade de instituições ou de pessoas encarregadas pelas mesmas. (DORNA, 2021).

Segundo Federici (2019), embora exista uma inclinação à dessexualização das atividades domésticas, a maior parte do serviço doméstico incide sobre o feminino,

principalmente se tiver o fator maternidade envolvido, reforçando ainda mais a concepção de que já vem sendo empregado de forma histórica que o trabalho do lar seja imputado, quase unicamente, às mulheres (DORNA, 2021).

Conforme os estudos de Hirata e Kergoat (2007), ainda que tenham consciência das discrepâncias que acontecem na forma como é dividido o trabalho doméstico, elas permanecem encarregadas da parte fundamental dessas tarefas. Com isso, além da luta que grande parte das mulheres enfrentam (as que escolhem seguir uma carreira profissional), ainda existem as várias divergências entre a vida no trabalho e a vida familiar. Ainda que o ingresso das mulheres no mercado de trabalho tenha aumentado, há informações que mostram que as mulheres trabalhadoras continuam sendo majoritárias pelas ações de cuidados com o lar, com os filhos, com o parceiro(a) e com as pessoas que residem no mesmo (BRUSCHINI, 2007).

Dentro desse contexto, quando eclode a pandemia e novas formas de trabalho, dentre elas, o home office, que se inserem no contexto de modelo de trabalho da grande maioria das organizações, vários hábitos que já se acreditava ter ficado no passado instalam-se novamente. Esses hábitos trazem consigo desvantagens muito grandes em relação à mulher trabalhadora, especialmente, em relação à grande carga de trabalho, que anula o limite entre vida pessoal e profissional.

O momento pandêmico chegou quase como um “estupro” na vida das mulheres, quando as colocam nesse estranho desconforto do seu próprio lar, de onde não se pode ir embora ao término do expediente. Se antes de tudo isso, já haviam muitas opiniões sobre o desconforto do home office, nessa nova realidade essa perspectiva aglomerou o que havia de refúgio na casa dessas mulheres. Ao se trabalhar de casa perdeu-se a diferenciação sobre tempo de trabalho e tempo de descanso. (CASTRO et al., 2020).

Para Brik e Brik (2013), no dia a dia os devaneios e as tentações provocados pela proximidade com filhos, amigos, família são consideradas desafios do home office. Para as mulheres essa imposição é colocada de forma ainda mais intensa, quando há esse emaranhado de rotinas.

E como aponta a pesquisa de Fernandes et al. (2021), o entrelaço de problemas não atingiram somente as mulheres mães, mas também as mulheres que não tem filhos experimentaram os contratempos de organização e planejamento (se é que algo pudesse ser de fato planejado) para atender a todas as demandas, afazeres e atribuições do dia a dia. Desde um tempo para fazer algo para si mesma, ou qualquer outra particularidade que exista em suas vidas.

Mesmo que tenha ocorrido uma diminuição do ritmo provocada assim que a pandemia surgiu, e até observada como algo positivo, essa perspectiva se manteve por muito pouco tempo, uma vez que, depois de vigente a nova ordem de configuração sobre como deveria ser agora o trabalho, home office, a carga de muitas mulheres trabalhadoras teve um grande crescimento em razão de que a situação exigida as mesmas foi intensificada pelas demandas de compatibilização entre trabalho, vida pessoal e afazeres domésticos. (CASTRO et al., 2020).

Quando observamos esse contexto, é possível visualizar que para a família que teve a possibilidade de trabalhar em casa durante a crise, houve um aumento sobre o tempo que os pais gastam com creches e educação em casa em 4,7 horas por dia, sendo que para as mulheres esse tempo é de uma soma maior, onde são 6,1 horas (CRUZ et al, 2020). Sendo mais impactados as mães com filhos pequenos, que diminuíram suas horas de trabalho cinco vezes mais do que os pais.

Sabendo disso, o conceito de harmonização do trabalho produtivo e reprodutivo muitas vezes pode ser considerado muito profícuo, porém, quando analisado sob a perspectiva de gênero, constatamos que essa conciliação é apontada como desvantagem justamente pela orientação das tarefas domésticas e do cuidado para a mulher, reforçando que ela pode ocupar as duas funções ao mesmo tempo, ou seja, cuidar do lar e de sua vida profissional. No entanto, a quantidade de funções a serem exercidas relaciona-se com a falta de apoio na maioria dos lares ocasionando o perigo de excesso de trabalho, isso pode levar a problemas mentais e físicos para as mulheres que trabalham.

5 “FIQUE EM CASA” - Na lona a nocaute outra vez.

Quando ouvimos a famosa frase que ecoou durante a pandemia: "fique em casa"³, talvez quem tenha dito não tenha a real dimensão sobre as problemáticas do confinamento, e como o mesmo transferiu as atividades laborais para o ambiente da casa, e principalmente, o quão difícil foi e/ou é para muitas mulheres avistar esse lugar.

Há a possibilidade que a restrição do contato físico leve à solidão e ao tédio crônicos, que, se vivenciados por muito tempo, podem ter efeitos prejudiciais no bem-estar físico e mental (WILDER-SMITH; FREEDMAN, 2020). A chegada da pandemia trouxe consigo o

³ Presumimos que todas as pessoas têm casa e que ela é um espaço seguro, e, ao mesmo tempo, que todas as pessoas podem ficar em casa.

isolamento social, o que intensificou os impactos negativos do home office, ampliando a sobrecarga das mulheres que estão inseridas nas esferas produtiva e reprodutiva do trabalho.

Após análise das pesquisas foi possível organizar as informações obtidas na seguinte abordagem: “o aumento da sobrecarga no trabalho feminino em meio a pandemia da COVID 19 no Brasil, e como a precarização continuou se intensificando nesse contexto”. Como trazem, Oliveira, Nascimento, Matoso e Soares (2020), mesmo anteriormente à pandemia, a mulher, geralmente, já tinha longas jornadas de trabalho, conciliando profissão, tarefas domésticas e também a maternidade. O que a pandemia e o isolamento social trouxeram de novo foi a intensificação dessas longas jornadas, fazendo emergir um novo contexto muito mais desafiador (OLIVEIRA et al., 2020).

Nesse sentido, o que ocorreu foi a potencialização de um problema que acompanha o mundo do trabalho ao longo de sua história, agravando algo que estava velado, desencadeado também por pensamentos misóginos e retrógrados de inferiorização do gênero feminino, que resultam nessa divisão desigual do trabalho. É comum que em casa haja divisão desigual do trabalho doméstico que muitas vezes provoca a sobrecarga da mulher. Em meio ao isolamento social esteja a mulher trabalhando em casa ou tentando manter a renda através do trabalho informal, as tarefas de casa não diminuem, de maneira oposta, crescem conforme mais pessoas ficam em casa por um período de tempo maior.

Diante dos dados coletados em pesquisas anteriores e analisados a partir de uma revisão de narrativa a respeito desse tema, é possível perceber os impactos que esse modelo de trabalho trouxe para a vida das mulheres trabalhadoras. Podemos observar as desvantagens que o trabalho em casa proporciona, posto que, a produtividade não pode ser pausada e com isso se aumenta também o volume de demandas que surgem no trabalho e nasce então, a dificuldade de determinar um limite entre vida pessoal e profissional nesse ambiente, visto que, o trabalho fora de casa permite dedicação integral a demandas exclusivas do tempo dedicado ao trabalho, ou pelo menos, em maior dimensão. Os limites dessas zonas ficam em uma linha muito tênue entre trabalho reprodutivo e produtivo, que acabam provocando uma diversidade de pontos problemas que se relacionam com sobrecarga de trabalho, estresse, falta de tempo, falta de ócio e papéis fundidos.

Nesse sentido, essa análise ocorre desde o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Mesmo em outros tempos a mulher não foi resguardada dessa fusão de papéis, por isso sempre teve que se configurar entre duplas jornadas de trabalho que se configuram pela responsabilidade do cuidado no âmbito familiar, e nesse período essa fusão foi intensificada.

Perspectiva essa que faz e sempre fez parte da prática feminina, dificultando a ampliação de mulheres na esfera produtiva de forma consolidada.

Por esses motivos, observa-se que o *home office*, embora que em alguns contextos tenha suas vantagens, resultou nesse período para a mulher o aumento e a potencialização das adversidades na articulação entre os âmbitos de sua vida, por efeito do cenário vivenciado. Isso se deve não só pela ampliação do trabalho em casa, mas também pelo aumento na demanda profissional. Estar em casa com a família no cotidiano desse arranjo, aumenta o trabalho doméstico, e por consequência, há também o aumento do esgotamento físico e mental das mulheres trabalhadoras.

Nesse sentido, os estudos analisados mostram, a realidade vivenciada e observada na sociedade, a responsabilização que foi entranhada na mulher em todos os contextos, onde sempre são forçadas a se adaptarem às situações impostas e aos arranjos responsáveis pela introdução e precarização na história e cultura do trabalho feminino.

Nesse mesmo contexto, é possível refletir sobre como esse fator poderia ser entendido pelas organizações, como elas poderiam olhar para esses contextos, em relação a rotina de uma mulher que trabalha em home office, considerando suas demandas de casa, filhos e trabalho. Em uma situação onde o trabalho precisa ser desempenhado dentro do lar, é necessário compreender que é um espaço compartilhado com a família, afazeres domésticos, e ocorre nesse sentido, uma fragmentação do tempo sobre todas essas categorias. Por isso, o foco deveria ser na flexibilização desse trabalho, no que tange a determinação de horários, assimilando que a mulher, estando próxima e dedicada a tantas demandas, é sim capaz de fazer multitarefas, gerenciamento de tempo e produtividade.

Outro questionamento que surgiu durante as análises dos artigos foi: Qual seria a saída para o fim da precarização do trabalho feminino? As organizações estão preparadas para mulheres que querem mais flexibilização em suas jornadas de trabalho? Como estão as questões emocionais das mulheres, depois dessa vivência de tanto estresse ocasionados por este momento?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo explorar e problematizar de que forma o modelo home office impactou a vida das mulheres trabalhadoras durante a pandemia. Por meio dos estudos analisados, é possível concluir que o objetivo foi alcançado, pois obtém-se a

possibilidade de analisar, mediante aos estudos, alguns impactos experimentados pelas mulheres nesse contexto.

O material analisado para este trabalho, mostra que o modelo de trabalho em home office no período da pandemia traz a tona algumas discussões, que são em relação ao trabalho que foi entranhado dentro dos lares que faz com que manifeste sensações de isolamento social, grande carga de trabalho, a enorme dificuldade de demarcar os limites entre hora de descansar, hora de trabalhar, tempo de cuidado para família, tempo para afazeres domésticos e tempo para si.

Todavia, considerando e analisando a dinâmica do home office para homens e mulheres, entendemos que a discrepância entre os gêneros é uma das principais problemáticas relacionadas à vivência do home office, uma vez que, historicamente essa cultura já é entranhada na sociedade, onde o lugar da mulher é o da responsabilidade sobre o cuidado doméstico, mesmo com as suas evoluções no mercado de trabalho.

Com a difícil e, para algumas mulheres muitas vezes dolorosa, a tarefa de ajustar a vida pessoal, cuidados com a família e o lar e a vida profissional, de acordo com o que foi relatado por alguns conteúdos que foram trazidos nos trabalhos analisados, o home office, normalmente, colabora para a sobrecarga de trabalho, no âmbito profissional, com o acréscimo e a expansão da quantidade de trabalho, e no âmbito doméstico, com o fato de estar em casa quase todo o tempo. Sendo assim, como as mulheres são as responsáveis e majoritárias das ações de cuidados com o lar, em linhas gerais, as mesmas experimentam o sofrimento da contínua dificuldade em lidar com esses dois extremos.

Através dos resultados desses estudos, é possível analisar também que o mesmo pode contribuir de forma prática e válida para as organizações que aderem ao modelo home office, de forma a levar reflexões e propor modelos diferentes de análise dessas questões, uma vez que, na conjuntura atual, é possível observar que alguns fatores prejudiciais ocasionados por essa forma de trabalho podem ser reduzidos por ações realizadas pelas próprias empresas.

É possível que se pense em uma dinâmica de organização, onde exista incentivos de horários de descanso da mulher trabalhadora para o controle do volume de trabalho, para evitar a sobrecarga de solicitações e para que a organização tenha uma relação mais estreita com essa trabalhadora, com o objetivo de aliviar a sensação de isolamento. Aderindo a essas ações para o público feminino produtivo, é possível que seja criada uma rede de apoio para essas trabalhadoras com a finalidade de diminuir a sobrecarga que as mesmas tem que lidar

nesse cenário. Essa rede de apoio contaria com a prestação de apoio psicológico para essas trabalhadoras.

Como limites encontrados na busca desses dados, menciona-se a identificação de nove estudos sobre o modelo de trabalho do home office antes do contexto pandêmico, que possuem foco na mulher trabalhadora, sabendo disso, as conclusões e resultados desse estudo, bem provavelmente, não representam de modo vasto as circunstâncias investigadas. Mesmo através do momento crítico de pandemia que é vivenciado na atualidade, a busca por trabalho que contemplem estudos sobre o home office antes da pandemia se torna relevante para que assim, seja possível observar e verificar como a pandemia promoveu impactos nas mulheres que já trabalhavam nesse modelo, quanto para as que começaram após o início a pandemia.

Dessa forma, outra observação foi como esses impactos gerados pela pandemia contribuíram para afetar de algum modo a rotina das mulheres de forma a abalar seu desempenho na realização das suas funções relacionadas ao trabalho produtivo. Outra observação foi a de que, a pandemia causou efeitos negativos no rendimento de algumas mulheres, e que esses efeitos não eram ligados somente por estar atrelados a afazeres domésticos, mas também por outros fatores, como as modificações nas formas de desempenhar suas atividades, mudanças de rotina e a possível atenuação da regularidades ao qual estavam habituadas.

Todavia, não quer dizer que os afazeres domésticos também não foram fonte de sobrecarga, mas que houve a contribuição de outros elementos para a diminuição no desempenho.

É importante ressaltar que, por estarmos tratando de um contexto que eclodiu a pouco, houveram dificuldades de encontrar dados mais amplos em estudos científicos que fossem equiparados diretamente entre a pandemia do coronavírus e o trabalho feminino no Brasil. Entretanto, os resultados que foram obtidos são relevantes e oportunos ao contexto presente, pois evidenciam algumas das várias formas que a pandemia gerou efeitos e como esses efeitos vêm impactando a vida das mulheres.

Apesar disso, é importante e necessário o prosseguimento de futuros estudos sobre esse tema para compreender também os efeitos que a pandemia irá gerar no trabalho das mulheres no período pós pandêmico.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, M. B.; FERREIRA, V. Trabalho produtivo e reprodutivo no cotidiano das mulheres brasileiras. In: ÁVILA, M. B. FERREIRA, V. (orgs.) **Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres**. Recife: SOS CORPO, 2014. p. 13–50.

BARBOSA, A. L. N. H de; COSTA, J. S; HECKSHER, M. **Mercado de trabalho e pandemia da Covid- 19**: ampliação de desigualdades já existentes? Brasília: IPEA, jul. 2020. (Nota técnica, n. 69). Disponível em: Acesso em: 24 mar. 2022.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. Difusão Européia do Livro, vol 2, 1967. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3959829/mod_resource/content/1/Beauvoir.O_segundo_sexo-DIFEL.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.

BELLINI, C. G. P.; DONAIRE, D.; SANTOS, S. A. DOS; MELLO, A. A. A.; GASPAR, M.A. Teletrabalho no desenvolvimento de sistemas de informação: Um estudo sobre o perfil dos teletrabalhadores do conhecimento. **Revista Ciências Administrativas**, v. 17, n. 3, p. 1029-1052, 2011.

BRIK, M. S.; BRIK, A. **Trabalho portátil: Produtividade, economia e qualidade de vida no home office das empresas**. Curitiba: Edição do autor, 2013.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, dez. 2006. Disponível em: Acesso em: 05 nov. 2021.

CASTRO, T. C. M.; BOTTEGA, C. G.; DETONI, P. P.; TITTONI, J. Em tempos de Coronavírus: home office e o trabalho feminino. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n. 14, p. 40-64, 2020.

CATTANEO, N.; HIRATA, H. Flexibilidade. In: HIRATA, H; LABORIE, F.; DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (Orgs.), **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CRUZ, Roberto Moraes et al. COVID-19: emergência e impactos na saúde e no trabalho. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 20, n. 2, p. I-III, 2020.

DE PAULA LEITE, Marcia. Gênero e trabalho no Brasil: os desafios da desigualdade. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 8, 2017.

DORNA, L. B. H. **O trabalho doméstico não remunerado de mães na pandemia da COVID-19: mudanças e permanências**. Laboreal, Porto, v. 17, n. 1, e17860, jun. 2021. Disponível em
http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-52372021000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 nov. 2021. Epub 22-mar-2022.

ENGEL, C. L. Esfera produtiva e reprodutiva: dimensões e desafios para mulheres. In: FONTOURA, N; RESENDE, M; QUERINO, A. C. (org). **Beijing +20: avanços e desafios**

no Brasil contemporâneo. Brasília: IPEA, 2020.p. 253-297. Disponível em:
http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10318/1/EsferaProdutivaReprodutiva_Cap_6 .
Acesso em: 19 mar. 2022.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** São Paulo: Elefante, 2019. Disponível em: Acesso em: 24 mar. 2021.

FERNANDES DE OLIVEIRA, M. M., NASCIMENTO , L. N. A., MATOSO, R. B., & SOARES, E. P. P. (2021). **O isolamento social imposto pelo Covid 19, a jornada diária de mulheres e a utilização das tecnologias.** SCIAS - Educação, Comunicação E Tecnologia, 2(2), 251–263. Disponível em: <https://doi.org/10.36704/sciaseducotec.v2i2.5115> Acesso em 15/05/2022.

GOMES, Jorge F. S.; SOARES, Patrícia. O excesso de trabalho mata ou dá prazer? Uma exploração dos antecedentes e consequentes do workaholismo. **Revista Psicologia**, vol.25 no.1 Lisboa, junho de 2011. Disponível em:
http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0874-204920110001&lng=es&nrm=iso Acesso em maio de 2022.

HIRATA, H. **A nova divisão sexual do trabalho?: um olhar voltado para a empresa e a sociedade.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. (2007). Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, dez. 2007. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>. Acesso em: 19 mar. 2022.

KERGOAT, Danièle. Em defesa de uma sociologia das relações sociais. Da análise crítica das categorias dominantes à elaboração de uma nova conceituação. *In*: KARTCHEVSKY-BULPORT, Andrée et al. **O sexo do trabalho.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

NOGUEIRA, C. M. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

OLINTO, Gilda. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil.** Inclusão Social, v. 5, n. 1, 2012

OLIVEIRA, M. M. F. *et al.* O isolamento social imposto pelo Covid 19, a jornada diária de mulheres e a utilização das tecnologias. **SCIAS-Educação, Comunicação e Tecnologia**, v. 2, n.2, p. 251-263, 2020.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história.** Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PNAD CONTÍNUA. **Outras formas de trabalho.** 2018. Disponível em:https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101650_informativo.pdf. Acesso em: 25 mar. 2022

PNAD CONTÍNUA. **Outras formas de trabalho.** 2019. Disponível em:https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101722_informativo.pdf. Acesso em:

25 mar. 2022

ROTHER, E. T. **Editorial: revisão sistemática x revisão narrativa.** Acta Paulista de Enfermagem, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>

SOUZA-LOBO, Elisabeth. Experiências de mulheres. Destinos de gênero. **Tempo Social**, v. 1, n. 1, p. 169-182, 1989.

SOUSA, S. L. B. C de. **O tempo da mulher na modernidade e os paradoxos na divisão sexual do trabalho.** In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2, 2018, Piauí. Anais [...]. Piauí: SINESP, 2018. Disponível em: Acesso: 22 mar. 2022.

TASCHETTO, M.; FROEHLICH, C. Teletrabalho sob a perspectiva dos profissionais de recursos humanos do Vale do Sinos e Paranhana no Rio Grande do Sul. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 9, n. 3, p. 349-375, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/39652/29651>

WILDER-SMITH, A.; FREEDMAN, D. O. Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. **Journal of Travel Medicine**, v. 27, n. 2, pp. 1-4, 13 mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jtm/taaa020>. Acesso em: 29 mai. 2022.

World Health Organization, CORONAVÍRUS disease (COVID-19) pandemic. Genebra, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3fC0Z5b>. Acesso em: 18 de mar. 2022.